

REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DOCENTE: O MAL ESTAR DA PERFORMATIVIDADE NA SOCIEDADE DO CANSAÇO

Reflections on the teaching work: the evil to be of the performativity in society of the fatigue

Marcio Issler¹
Ieda Maria Kleinert Casagrande²
Katiucia de Oliveira Peres³
Adrian Alvarez Estrada⁴
José Carlos dos Santos⁵

RESUMO: O dia a dia dos profissionais da educação que atuam na docência é constantemente marcado por uma demasiada carga de trabalho, pautada no esforço, pressão externa e na velocidade com que realizam suas funções. Tal fato tem gerado prejuízos à saúde física e mental dos professores, transformando seu trabalho em sofrimento. A intenção do estudo é apresentar algumas reflexões desenvolvidas pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, a partir do conceito de *Sociedade do Cansaço* e sua relação com os estudos de Stephen Ball sobre *performatividade*. Considerando que o excesso de trabalho e a ausência de alteridade têm produzido um fluxo histórico de produção e grande inversão de valores, resultando uma sensação de cansaço no mundo contemporâneo, compreende-se que o modo de produção em que vivemos, para além de explorar a força de trabalho, alavanca o desenvolvimento de doenças e da depressão. O intuito do artigo não é, especificamente, apresentar o significado da depressão e seus sintomas, mas considerar o tipo de sociedade em que vivemos, que se baseia na crença do “sim” e de que tudo é possível. Vivemos numa sociedade que busca incessantemente a qualidade, a performatividade e a excelência da atuação do profissional docente. Tais fatos levam o sujeito a uma falsa liberdade. Ao se compreender como ser livre, senhor das próprias ações e decisões, na verdade, se encontra imerso a uma auto exploração para chegar à qualidade e a performatividade esperada. O movimento de exploração gera uma liberdade paradoxal, que acaba se manifestando patologicamente nos adoecimentos psíquicos do professor.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade do Cansaço. Produtividade. Desempenho. Trabalho docente.

¹ Graduado em Pedagogia – UNIOESTE; Mestrando em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE – *Campus* de Cascavel – PR. Bolsista CAPES/ FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA. E-mail: marcioissler@hotmail.com

² Doutora em Educação - UFSM. Bolsista PNPd/CAPES - Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Unioeste. E-mail: iedakleinert@gmail.com.

³ Formada em Psicologia (UNIJUI), Mestranda em Educação – PPGE – UNIOESTE. Email: katiuciaperes@bol.com.br

⁴ Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo - USP; Docente do Colegiado do Curso de Pedagogia e do Mestrado em Educação da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – *Campus* de Cascavel - PR. E-mail: adrianalvarez.estrada@gmail.com

⁵ Doutor em História. Docente da Graduação e Pós-Graduação *Stricto e Lato Sensu* da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, professor-jose-carlos@hotmail.com

ABSTRACT: The day-to-day work of education professionals who work in teaching is constantly marked by excessive workload, based on effort, external pressure and the speed with which they perform their functions. This has led to the loss of physical and mental health of teachers, transforming their work into suffering. The intention of the study is to present some reflections developed by the South Korean philosopher Byung-Chul-Han, from the concept of Society of Tiredness and its relation with the studies of Stephen Ball on performativity. Since the excess of work and the absence of otherness have produced a hysterical flow of production and great inversions of values, resulting in a sensation of fatigue in the contemporary world, it is understood that the mode of production in which we live, in addition to exploiting the force the development of diseases and depression. The purpose of the article is not specifically to present the meaning of depression and its symptoms, but to consider the type of society we live in that is based on the belief of the "yes" and that everything is possible that ceaselessly seeks quality, performativity and excellence of professional teaching performance. Such facts lead the subject to false freedom. By understanding how to be free, the lord of his own actions and decisions is actually immersed in self-exploration to arrive at the expected performativity. The exploitation movement generates a paradoxical freedom, which ends up manifesting pathologically in the psychic illness of the teacher.

KEYWORDS: Society of Tiredness. Productivity. Performance. Teaching work.

1 INTRODUÇÃO

No livro “Sociedade do Cansaço”, o filósofo sul – coreano Byung-Chul Han, tece alguns comentários sobre a sociedade na qual estamos inseridos, que não preza pelo repouso, pelo contrário, vem cada vez mais estimulando a produtividade e o desempenho como fontes primárias de sociabilidade e de moral.

Han (2015) destaca que cada época tem suas enfermidades específicas fundamentais. Já no início do século XXI são caracterizadas como enfermidades neuronais, que não são biológicas, como ocorriam no século anterior. Nos dias de hoje, o que se tem são problemas como a “depressão, transtornos de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), o Transtorno de Personalidade Limítrofe (TPL) ou Síndrome de Burnout (SB)” que são desencadeados por meio de crises nervosas provocadas pelo esgotamento (HAN, 2015, p. 7).

O autor ainda menciona que, atualmente, não são mais as infecções que assolam o mundo em geral, mas sim infartos, provocados diariamente por excesso de pressão, não pela negatividade de algo “[...] imunologicamente diverso, mas pelo excesso de positividade” (HAN, 2015, p. 8, grifos do autor).

Esses problemas escapam a qualquer técnica imunológica que tenha a função de barrar a negatividade daquilo que é estranho. Nesse sentido é possível justificar tal

ação no mundo contemporâneo, em que o paradigma imunológico não se coaduna com o processo de globalização. Na perspectiva do autor:

Alteridade, que provocaria uma imunorreação, atuaria contrapondo-se ao processo de suspensão de barreiras. O mundo organizado imunologicamente possui uma topologia específica. É marcado por barreiras, passagens e soleira, por cercas, trincheiras e muros. Essas impedem o processo de troca e intercâmbio (HAN, 2015, p. 13).

De fato, aí temos a dialética da negação como traço essencial para a imunidade, pois, o imunologicamente outro é negativo, penetrando no próprio e procurando negá-lo constantemente. Nesse sentido compreende-se o mundo competitivo em que vivemos, onde é preciso constantemente negar o outro para atingir metas e objetivos propostos. Portanto, é esta negação do outro a que cada um de nós sucumbe, quando não realiza o propósito ao qual foi preconizado. A autoafirmação nesse sentido, ou mesmo a imunologização de nós mesmos, se realiza na negação da negação.

Desse modo segundo Han (2015),

Também a profilaxia imunológica, portanto a vacinação segue a dialética da negatividade. Introduce-se no próprio apenas fragmentos do outro para provocar a imunorreação. Nesse caso a negação da negação ocorre sem perigo de vida, visto que a defesa imunológica não é confrontada com o outro, ele mesmo. Deliberadamente, faz-se um pouco de auto violência para proteger-se de uma violência ainda maior, que seria mortal (HAN, 2015, p. 14).

No exemplo do autor, temos o desaparecimento da alteridade, o que, para Han (2015), diz respeito ao sistema imunológico do nosso corpo. Na relação com a denominada sociedade do cansaço, o professor performático é marcado incessantemente pelo campo econômico. De fato, o ideal apresentado em relação ao professor performático se insere na busca pela melhor “*performance*”, que sugere certo roteiro, ao qual o professor encontra-se subordinado. Nessa direção, os subsídios estão nos estudos realizados por Stephen Ball (2004; 2005; 2002) para quem performatividade é,

[...] uma tecnologia, uma cultura e um método de regulamentação que emprega julgamentos, comparações e demonstrações como meios de controle, atrito e mudança. Os desempenhos de sujeitos individuais ou de organizações servem de parâmetros de produtividade ou de

resultado, ou servem ainda como demonstrações de “qualidade” ou “momentos” de promoção ou inspeção (BALL, 2005, p. 543).

A representação do merecimento, qualidade ou valor que um indivíduo possui, tendo em vista a época pobre de negatividade na qual está inserido, tem gerado de certa forma o desaparecimento da alteridade, que está diretamente ligada aos adoecimentos neuronais. O sujeito do século XXI segue não mais a dialética da negatividade, mas a dialética da positividade, que ocasiona estados patológicos decorrentes do exagero de positividade na busca incessante pelo desempenho de sujeitos individuais ou organizacionais.

Tal fato nos leva a compreensão de que os professores estão diretamente inseridos no contexto da performatividade “pelo empenho com que tentam corresponder aos novos (e às vezes inconciliáveis) imperativos da competição e do cumprimento de metas” (Ball, 2005, p. 548). Assim, o professor multitarefeiro da sociedade do desempenho se torna incapaz, fragmentado e nada produz. Em consequência calibra seu estado patológico de autopunição.

2 O MAL ESTAR DA PERFORMATIVIDADE

A partir deste ponto, pretende-se compreender e estabelecer relações entre performatividade, adoecimento do professor e sociedade do cansaço. A temática em questão considera as complexas interações com o mundo como resultado provisório de diversas pedagogias, de diferentes lugares e épocas, essencialmente marcados pela cultura (SOARES, 2006).

Nesse cenário complexo é que surge o adoecimento do professorado, que vem sendo correlacionado com as condições de trabalho, conforme abordagem crescente na literatura educacional. Segundo Souza *et al* (2003), até os anos 60, parte desses trabalhadores da docência tinham segurança material, prestígio social, empregos estáveis, bons salários. Contudo, já a partir de 1970, houve o crescimento do funcionalismo e dos serviços públicos gratuitos, dentre eles a educação. Desde então a atividade docente tem sido marcada por desafios regulares, reflexos das constantes transformações ligadas ao mundo do trabalho e suas exigências. É preciso levar em conta a forma de organização do trabalho, sua racionalização, precarização, e principalmente a rotinização que remete à percepção da diferença entre trabalho voltado à realização humana e do trabalho como mercadoria. A modificação da

percepção de trabalho no cenário docente tem gerado sobrecarga e intensificação das atividades no ambiente de trabalho. O excesso de atividade extraclasse, por sua vez, tem interferido diretamente na saúde do professor provocando assim seu desgaste psíquico e físico.

3 SOCIEDADE DO DESEMPENHO

A sociedade a qual estamos inseridos não é mais uma sociedade disciplinar, feita de prédios, asilos, presídios, quartéis e fábricas. É antes a sociedade do desempenho e da produção. A observação leva à compreensão de que a principal diferença está em que a sociedade positiva, na qual vivemos, enquanto sujeitos do desempenho e de produção, enquanto empresários de nós mesmos, a sociedade anterior era a do controle, ou seja, da negatividade a qual estava pautada em proibições, do não-ter-o-direito é também aquela que mais pune e que mais adocece.

Tal concepção nos diz que noções de proibição, leis e mandamentos, nos dias de hoje, ganham novos nomes como projeto, iniciativa e motivação. Tal fato é constatado pelo autor quando nos diz que “[...] a sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinqüentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados” (HAN, 2015, p. 24-25).

De fato, a mudança de paradigma de uma sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho tem nos apontado que,

[...] para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento. A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever” (HAN, 2015, p. 25).

Nessas condições, o sujeito do desempenho é muito mais rápido e produtivo que o sujeito da obediência. Salientamos que o mesmo sujeito do desempenho continua disciplinado. Nesse sentido, o sujeito do desempenho em uma sociedade pós-moderna do trabalho tem um novo problema para lidar justamente a pressão do desempenho, o que desencadeia as diversas enfermidades neuronais já citadas anteriormente.

Veja-se que, nesse caso, o próprio homem depressivo explora a si mesmo, sem qualquer coerção estranha. Logo, a depressão irrompe quando o sujeito do

desempenho já “não pode mais poder”, ele é um cansaço de fazer e de poder (HAN, 2015, p. 29).

Por isso esta sociedade acredita que nada é impossível, fazendo com que o sujeito do desempenho fique constantemente nesta guerra consigo mesmo, em uma “autoacusação destrutiva e autoagressão” (HAN, 2015, p. 29).

Segundo Han, “[...] a depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade reflete aquela humanidade que está em guerra consigo mesma” (HAN, 2015, p. 29).

Aqui é definido o principal diagnóstico:

O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. Essa autor-referencialidade gera liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência. Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal (HAN, 2015, p. 30).

A sociedade do trabalho e a sociedade do desempenho não são livres. Elas geram novas coerções. A dialética de senhor e escravo⁶ está não em última instância, para aquela sociedade na qual cada um é livre e que seria capaz também de ter tempo livre para o lazer. Leva ao contrário, a uma sociedade do trabalho, na qual o próprio senhor se transformou num escravo do trabalho.

Nessa sociedade coercitiva, cada um carrega consigo seu campo de trabalho. A especificidade deste campo de trabalho é que somos, ao mesmo tempo,, prisioneiros e vigias, vítimas e agressores. Assim, acabamos explorando a nós mesmos, sendo isso possível mesmo sem senhorio, dada a posituação a qual estamos inseridos e na qual somos violentados neuralmente, destruídos não a partir de fora, pois, em âmbito neural, o mal está internalizado (HAN, 2015).

4 PERFORMATIVIDADE E DOCÊNCIA

A performatividade, no que se refere ao campo da docência e desempenho dos professores e demais profissionais da área educacional, são direcionados a uma

⁶ Sobre este assunto consultar: HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Trad. Paulo Meneses. Edição revisada, Vol. único. Petrópolis, Vozes, 2002. Capítulo IV- Independência e Dependência da Consciência-de-si.

forma de atuação que satisfaça “julgamentos fixos e impostos”, o que os reduz a profissionais multitarefeiros, acabam que por fragmentar o próprio trabalho, deixando de produzir os resultados esperados (BALL, 2005, p. 542)

Para Ball, a performatividade é uma constante luta pela visibilidade, tendo como base reuniões avaliacionais, elaboração de relatórios, análises anuais, bem como “a análise dos pares”, que seriam considerados mecanismos da performatividade” (BALL, 2005, p. 548).

De acordo com Stephen Ball,

O professor, o pesquisador e o acadêmico estão sujeitos a uma miríade de julgamentos mensurações, comparações e metas. Informações são coletadas continuamente, registradas e publicadas com frequência na forma de rankings (BALL, 2005, p. 548).

O que, por sua vez, segundo o autor violentaria a concretude da humanidade individual e particular, reduzindo os processos humano e social à representações grosseiras “que se conformam à lógica da produção de mercadorias” (BALL, 2005, p. 548). Nesse sentido, reduzimo-nos à estatísticas de mercado para fins de comparação e classificação. A sensação de ser avaliado constantemente, por diversos meios e inúmeras formas, bem como as expectativas que somos condicionados a corresponder, continuamente, vêm ao encontro de ideias anteriormente apresentadas em relação à sociedade do desempenho em que estamos inseridos (HAN, 2015).

Estamos nos tornando “ontologicamente inseguros”. Há dúvida se estamos:

Fazendo a coisa certa, fazendo tanto quanto os outros, fazendo tão bem quanto os outros, numa busca constante de aperfeiçoamento, de ser melhor, ser excelente, de uma outra maneira de tornar-se ou de esforçar-se para ser o melhor – a infindável procura da perfeição. Não obstante, apesar dessa teia de registros e visibilidade, nem sempre fica muito claro o que esperam de nós (BALL, 2005, p. 549).

Nesse sentido é que se corroboram as ideias de Han em relação à sociedade na qual estamos inseridos e em relação ao desempenho que nos é esperado, o que tem culminado, hoje em adoecimentos, conforme nos relata o autor.

Para Ball (2004), a performatividade incita-nos a nos tornarmos mais efetivos, a trabalharmos em relação a nós mesmos e a “[...] sentirmo-nos culpados ou inadequados se não o fizermos. Ela opera um arcabouço de julgamento no qual a

definição de “aperfeiçoamento” e de eficácia é determinada por nós” (BALL, 2004, p.66).

Ou seja, essa coerção acontece por meio da rotina de trabalho dos professores, que não lidam somente com os alunos em sala de aula, possuindo também inúmeras atividades frequentemente atribuídas a eles e que precisam ser realizadas em suas residências. Nesse sentido, o adoecimento por problemas relacionados ao trabalho, em suma, tem sintomas físicos, como dores de cabeça, indigestão, úlceras, pressão arterial elevada, palpitações, asma, dores musculares, problemas de sono, mudança no desejo sexual e queda de imunidade. Psicologicamente, os efeitos podem ser sentimento de raiva, ansiedade, depressão, nervosismo, irritabilidade, tensão e tédio e como efeitos comportamentais, como comer pouco ou em demasia, insônia, fumar e beber em excesso e o uso de drogas (ROTHMANN; COOPER, 2009).

Os efeitos no corpo, em algumas situações, deixam sequelas graves e irreversíveis. Tais situações estão relacionadas dentro do local de trabalho a altos níveis de distresse⁷ ocupacional e baixos níveis de eustresse⁸ que podem levar aos efeitos físicos, psicológicos e/ou comportamentais já mencionados. No entender de Ball pode caracterizar-se como “[...] uma cultura ou um sistema de terror [...]” em que “docentes, pesquisadores e acadêmicos estão sujeitos” (BALL, 2013, p. 21).

Mesmo com a rotina de trabalho diferente do que se espera, é necessário apresentar um bem-estar no trabalho, onde estudos atuais confirmaram que as relações entre ações de segurança e lesões ocupacionais, sofrimento psicológico e taxas de acidente, insatisfação no trabalho, acidentes e incidentes no trabalho, mau desempenho da segurança e ansiedade e depressão, tem diminuído nos colaboradores que apresentam bem-estar no trabalho.

Este acúmulo de funções, para além da sala de aula, tais como reuniões, atendimento aos pais, atividades burocráticas, registro de frequência, preenchimento de diários de classe, etc., tem contribuído significativamente para a falta de tempo dos professores, obrigando-os a realizarem estas atividades na maioria das vezes em seu domicílio.

⁷ Distresse, definido como uma resposta psicológica negativa a um fator estressante, como é indicado pela presença de estados psicológicos negativos (ROTHMANN; COOPER, 2009, p.259)

⁸ Eustresse é resposta psicológica positiva a um fator estressante, indicado pela presença de estados psicologicamente positivos. O estresse positivo reflete até que ponto a avaliação cognitiva da situação é considerada benéfica ou aprimora o bem-estar de um indivíduo (ROTHMANN; COOPER, 2009, p. 259).

Segundo Ball (2004) a performatividade funciona de forma meticulosa e poderosamente quando está “dentro de nossas cabeças e de nossas almas, ou seja, quando nós a aplicamos em nós mesmos,

Quando assumimos a responsabilidade de trabalhar duro, mais rápido e melhor, assim “melhoramos” nossa “produção” como parte de nossa autovalorização e valorização dos outros. Além disso, é importante reconhecer que sistemas performativos oferecem-nos a possibilidade de sermos melhores do que éramos ou até mesmo de sermos excelentes – e melhores do que os outros – em seus próprios termos (BALL, 2004, p. 66).

No âmbito de tudo quanto foi dito, a performatividade serve para orientar as atividades pedagógicas e acadêmicas voltadas a impactos positivos e em resultados de desempenho mensuráveis, desviando assim a atenção aos aspectos do desenvolvimento social, emocional e moral, os quais não têm valor performativo.

Por outro lado Pereira (2010a; b), para ampliar o esforço da compreensão dos elementos que compõem a performatividade, sugere a discussão para a noção de *performance* do professor como elemento de criação, de espaço de experimentação e construção do conhecimento. Nesse sentido, se insere como um elemento de recuperação da dimensão corpórea no e do ato pedagógico, na medida em que o define e o orienta para a prática docente. Por esta via, trata-se de envolver e redimensionar a própria natureza e função da ação docente em sua relação com outras práticas sociais, para instrumentá-la de forma mais benéfica e definida, para que o ritual cotidiano desse tipo de encontro se multiplique em transformação e emancipação, e não em adoecimento e dor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Salientamos que inúmeras vezes as exigências dos sistemas educacionais acabam gerando práticas inúteis ou mesmo danosas ao ser humano. Isso ocorre, principalmente, quando tais exigências apenas são para satisfazer os requisitos de desempenho (Ball, 2005, p. 549).

A essência da performatividade aqui apresentada, bem como a sua possível relação com ciência/filosofia/paradigma da *Sociedade do Cansaço*, caminham juntas, atingindo profundamente a percepção do eu e de seu próprio valor. Ao colocar em

pauta as dimensões do emocional, numa “humanidade que está em guerra consigo mesma” (HAN, 2015, p. 29) demonstra que o indivíduo vive apenas da aparência.

O custo pessoal e psicológico de entrar e permanecer nesse circuito de desempenho não é somente simbólico na sociedade performativa, seu quântico excessivo é avassalador. Notamos, contudo, que é possível mudar a ordem instrumental da instituição dessa sociedade positiva, por meio da transição referencial da interioridade, pela compreensão do elemento estranho que auffer dor. Pode-se ceder e restaurar o percurso das relações com o outro, materializar e refundar a empatia como elemento de resistência. Nesse sentido, é que se propõe, com base em Han (2015), uma pedagogia que nos faça voltar a ver, que obedeça a temporalização certa de cada coisa. Tal empenho torna-se essencial nos dias de hoje, tendo em vista o adoecimento psíquico, característico do mundo contemporâneo em que vivemos, no qual somos marcados por mudanças complexas e multifacetadas na educação, que levam a agregar novos elementos a fim de que possamos dar sequência naquilo em que estamos nos propondo a fazer. Nesse sentido, é possível que agreguemos um elemento contemplativo em nossas ações, as quais o autor define como sendo uma “pedagogia do ver”, o que pressupõe uma forma diferenciada de ver. Tal pedagogia nos ensina que devemos “habituar o olho ao descanso, à paciência, ao ‘*deixar-se aproximar-se-de-si*’” (HAN, 2015, p. 51).

Em outras palavras, é necessário que apreendamos esta forma de ver que desenvolve a concentração e a resistência de estímulos, pois, segundo o autor, na medida em que reagimos de imediato a qualquer impulso dado, significa que possivelmente estejamos sofrendo de sintomas de esgotamento, o que não nos faz senão termos reações das mais adversas (HAN, 2015)

Assim, toda e qualquer atividade que “segue a estupidez da mecânica é pobre em interrupções” (HAN, 2015, p. 53), por isso a necessidade de estarmos atentos às mais diversas reações de nosso corpo, tendo em vista os dois tipos de cansaço, a saber, o cansaço destrutivo e o cansaço inspirador ou fundamental. De acordo com Han (2015, p. 72), o primeiro deles é calado, cego, dividido e destruidor, sendo individual e solitário; já o segundo, falaz, vidente e reconciliador, aquele que é capaz de abrir em meio a um espaço de amizade, no sentido de “eu não só vejo simplesmente o outro, mas eu próprio sou o outro, e ‘o outro se torna igualmente eu”.

6 REFERÊNCIAS

BALL, S. J. Performatividade, privatização e o pós-Estado do Bem-Estar. **Educ. Soc.** [online], vol.25, n.89, pp.1105-1126, 2004.

BALL, S. J. Reformar escolas/reformar professores e os terrores da performatividade. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 15, n. 2, p. 3-23, 2002.

BALL, Stephen J. Profissionalismo, gerencialismo e performatividade. **Cad. Pesqui.** [online], vol.35, n.126, pp.539-564, 2005.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Trad. Paulo Meneses. Edição revisada, Vol. único. Petrópolis, Vozes, 2002.

PEREIRA, M. A. A dimensão performativa do gesto na prática docente. **Revista Brasileira de Educação**. 15. n. 45. set./dez. 2010a.

PEREIRA, M. A. Pedagogia da performance: do uso poético da palavra na prática educativa **Educação e Realidade**. Porto Alegre, UFRGS, v. 35, n. 2. maio/ago. p. 139-155, 2010b.

ROTHMANN, I.; COOPER, C. **Fundamentos de Psicologia Organizacional e do Trabalho**. Tradução de Luiz Claudio de Queiroz. Revisão Técnica de Ianni Regia Scarcelli e de Maria Inês Assumpção Fernandes. RJ: Elsevier, 2009.

SOARES, C. L. (org). **Corpo e história**. Campinas, SP. Autores e Associados: 3. ed. 2006.

SOUZA, K. R. *et al.* Trajetória do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro (SEPE-RJ) na luta pela saúde no trabalho. v.8, n.4, **Ciência e Saúde Coletiva**, p.1057-1068, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v8n4/a27v8n4.pdf>>. Acesso em: 21 de out. 2017

Data de Recebimento: 20/11/2017 | Data de Aprovação: 16/12/2017